



SENTIMENTOS E IDENTIDADES COM A CIDADE: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL A CERCA DO ESPAÇO URBANO¹

MANFIO, Vanessa²

SEVERO, Melina Dornelles³

WOLLMANN, Cássio Arthur⁴

RESUMO

A cidade é o espaço de vivência e interação entre os diversos elementos sociais e a natureza, resultando num forte apego da população local. Dessa forma, a cidade como abordagem escolar da geografia faz o elo de ligação, entre a experiência dos educandos e o conteúdo. Sendo de fundamental importância para a construção dos saberes, pois os educandos são sujeitos ativos da aprendizagem e trazem consigo uma bagagem de conhecimentos que precisam ser lapidados com a mediação dos professores, numa interação entre os participantes da aprendizagem, alunos e educadores. Neste sentido, a pesquisa focou-se nas concepções, na topofilia e nas mediações das experiências dos alunos a cerca do espaço urbano, dos quais observou-se o forte sentimentalismo dos mesmos com o lugar de moradia, especialmente demonstrando no desenvolvimento das práticas pedagógicas em sala de aula, sendo a cidade importante para eles. Em suma, o estudo do espaço vivido dos alunos faz com que eles participem da aula, criando habilidades e saberes.

Palavras-chave: Geografia escolar; Topofilia; Cidade.

FEELINGS AND IDENTITIES WITH THE CITY: THE PERCEPTION OF 7 YEAR BASIC EDUCATION STUDENTS ABOUT THE URBAN SPACE

ABSTRACT

The city is the living space and interaction between diverse social elements and nature, resulting in a high level of commitment of the local population. Thus, the city as a school approach of geography makes the link between the experience of learners and content, being

¹EIXO TEMÁTICO: Ensino de geografia: representação do espaço urbano.

²Mestre em geografia, pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGEO-UFSM), vanessamanfio@yahoo.com.br

³Mestre em geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGEO-UFSM), melinasevero@gmail.com

⁴Prof. Dr., Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Departamento de Geografia, cassio_geo@yahoo.com.br.



of fundamental importance to the construction of knowledge, because students are active participants in learning and bring with them a baggage of knowledge that need to be polished with the mediation of teachers, in an interaction between the participants of learning, students and educators. In this direction, the research focused on the concepts, in toponophilia and on mediations of the experiences of students about urban space, of which there was strong sentiment of the same dwelling place, especially demonstrating the development of teaching practices in classroom, being the city important to them. In summary, the study of lived space of students allows them participate in the classroom, creating skills and knowledge.

Keywords: School Geography; Topophilia; City.

1. INTRODUÇÃO

As cidades são construções humanas dentro de um determinado espaço que estão organizadas tanto política, social e economicamente. O meio urbano é constituído e caracterizado pela aglomeração humana que vive e se utiliza dos meios que são oferecidos pelas cidades.

Segundo Bernardi (2002), o meio urbano além de ser um espaço físico é um espaço social, isto é, o espaço onde os seres humanos vivem e mantêm as suas relações humanas uns com os outros, bem como, suas necessidades vitais básicas, como habitação, vestimenta, alimentação, locomoção. Nesse sentido, o meio urbano é um espaço construído onde o homem modificou muito a natureza buscando adaptá-la as suas necessidades.

Conforme “pode-se dizer que a cidade transformou o homem; ou, então que o homem foi transformando à medida que foi edificando o ambiente em urbano”. (BERNARDI, 2002, p.16). Bernardi (2002) menciona que tanto pode ter sido o homem que modificou a natureza, bem como a própria natureza que foi modificando o homem ao decorrer desse processo de adaptação e de fixação dos seres vivos no espaço.

Como o espaço urbano é um ambiente criado e modificado pelos seres humanos para que suas necessidades se tornem mais fáceis, as relações de pertencimento e de afetividade com o meio urbano, dessa forma, tornam-se diferentes em tempos modernos. No passado as relações de pertencimento dos seres humanos com o meio ambiente e com as cidades eram diferente em função do tipo de vida que se tinha, que é bem diferente da correria do dia-a-dia das grandes e médias cidades modernas.

Nesta perspectiva, como o espaço urbano torna-se o principal foco da dinâmica espacial da cidade este se torna também o palco de vários conflitos sociais, econômicos,



culturais e ambientais, o que acaba mudando as relações dos homens com as mesmas. Nesse sentido, é importante buscar e ressaltar sentimentos como identidade e pertencimento com os alunos, para que estes vivam o seu espaço e para que se sintam integrantes deste e responsáveis também pelo mesmo.

Com isso, o seguinte trabalho teve como objetivo: estudar a cidade a partir da percepção e toponímia dos alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Educação Básica Dom Antônio Reis, localizada na cidade de Faxinal do Soturno (pequena cidade da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana, centro do Rio Grande do Sul).

2. DISCUSSÕES SOBRE GEOGRAFIA HUMANÍSTICA, TOPOFILIA E IDENTIDADE COM A CIDADE

A categoria lugar em geografia tem uma significação muito importante dentro da Geografia Humanística, pois, é onde estão assentados os conceitos relacionados ao comportamento dos seres humanos ligados à percepção destes em relação os lugares com os quais mantêm ligações de afetividade. A geografia da percepção valoriza principalmente o espaço vivido e as relações sociais e afetivas que os seres humanos mantêm com esses lugares em que habitam.

Conforme Corrêa (2008), o lugar passa a se tornar o conceito principal e mais relevante para a Geografia Humanista, enquanto que o espaço fica relacionado ao conceito de espaço vivido pelos seres humanos.

A Geografia da Percepção surgiu como tendência na ciência geográfica por volta das décadas de 1960/1970, utilizando a fenomenologia como objeto de estudo. A fenomenologia trata dos estudos da percepção e das experiências vividas de cada indivíduo.

Corrêa (2008) afirma que a Geografia Humanista está assentada principalmente na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, nas experiências dos seres vivos, nos seus símbolos, priorizando o singular e não o particular, o que é contrário das outras correntes geográficas, mais ambientalistas.

A geografia da percepção faz uso das experiências do homem e das relações de afetividade que estes têm com o espaço vivido, espaço este que tem significações para quem o habita, valorizando a experiência de cada um como fonte de compreensão da realidade desse ser, e como forma de mudá-la. (ROHDE, 2012).



Para Christofolletti (1982), cada ser humano tem uma interpretação diferente da realidade, de acordo com a sua relação com o espaço. Destaca Christofolletti (1982, p.22) que “para cada indivíduo, para cada grupo humano existe uma visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o quadro ambiente”. Nesse sentido, várias pessoas podem viver ou observar um mesmo lugar, mas cada uma delas vai ter uma interpretação própria, de acordo com a vivência e de acordo com os significados que este espaço representa para elas.

Diante disso Lopes, (2010, p.28) destaca que,

[...] haja vista que as sensações, os sentimentos fazem parte da existência, sendo assim pode, sem sombra de dúvidas, fazer parte de mecanismo de investigação, pois a relação “penso logo existo”, pode ser inter-relacionada com a perspectiva sinto, assim existo e desse modo penso. Pois o ser humano não é exclusivamente razão; mas igualmente alguém que tem sensações, isto é, que sente, que percebe, que forma suas imagens a partir de sua subjetividade. Assim, os lugares, as paisagens assumem concepções a partir das vivências, dos contatos, das identidades, das subjetividades.

Assim, o lugar passa a ter um novo conceito, deixando de ser conceituado apenas como um espaço físico, mas ganhado significação, agregando valores e sentimentos de quem o habita, sendo caracterizado como espaço vivido, constituindo a paisagem cultural.

Para Tuan, (1983, p.198) “o lugar é um mundo de significado organizado, que se organiza de acordo de quem o percebe e o vivencia”. Tuan, traz a ideia de espaço vivido, como sendo o espaço das relações humanas, resgatando a subjetividade e a afetividade das pessoas com os lugares.

Diante disso, Tuan (1983) criou termos para denominar o estudo das relações do homem com o espaço vivido através da percepção, o qual ele chamou de Topofilia. Para Tuan (1983), a Topofilia se caracteriza por ser um laço de afetividade da pessoa com o lugar ou com o meio ambiente físico do qual faz parte. Criou também o termo Topofobia, para caracterizar todo o tipo de relação negativa que o indivíduo tem com um determinado lugar, lugar este relacionado a medo, ou a traumas.

Tuan (1983) acredita que duas pessoas nunca veem a mesma realidade da mesma forma, pois, cada lugar causa uma sensação única em cada um. Assim, uma pessoa pode ter uma relação topofílica com um lugar, enquanto que uma mesma pessoa pode ter uma relação tobofóbica associada a esse mesmo lugar, de acordo com as sensações e emoções que desenvolvem com esse local. (ROHDE, 2012)



Como cada lugar causa nos indivíduos uma experiência única, devido às experiências que essas pessoas têm com os mesmos, é importante ressaltar o estudo da cidade na ótica da Geografia Humanista, para avaliar como os indivíduos veem a sua cidade e quais são os sentimentos que os mesmos desenvolvem em relação a esta a partir das suas experiências diárias.

Assim, analisando a cidade como espaço vivido dos indivíduos pode-se ver quais são as relações que os alunos nesse caso têm com a sua cidade, que tipo de relação eles mantêm com a mesma, podendo utilizar esse estudo como forma de melhorar ou modificá-la.

2.1. Metodologia

Na tentativa de discutir e promover o ensino-aprendizado com os alunos a cerca da cidade, conteúdo de geografia, procurou-se elaborar uma prática didático- pedagógica que trabalhasse sobre o assunto, partindo da realidade e percepção dos mesmos.

Diante disso, as atividades pedagógicas foram realizadas com os alunos do 7º Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Educação Básica Dom Antônio Reis.

Por esse motivo, primeiramente foi realizado um trabalho, dos quais os alunos tiveram que colocar no papel o que entendiam sobre cidade, deixando-os livres para colocar suas ideias e conceitos.

Num segundo momento, houve a discussão sobre as concepções abordadas por eles, cujo os mesmos conseguiram analisar o que os colegas pensam da cidade. Para depois, construir com os educandos o conceito e as dinâmicas sobre o espaço citadino.

Quanto à legenda de dados dos materiais elaborados pelos alunos foi utilizado letras, X e Y para representar o nome dos alunos, que não serão mencionados a fim de manter a privacidade e ética no trabalho.

Nesse sentido, tiveram como ênfase no desenvolvimento deste estudo/prática pedagógica, as leituras dos autores: Tuan (1980), Amorin Filho (1999) e Oliveira (1977) entre outros autores que abordam a análise fenomenológica e a percepção no estudo e práticas docentes da geografia. Além das leituras de Carlos (1992), Cavalcanti (2008) e Castelar (2000) entre outros estudiosos sobre a cidade e a geografia escolar.

Deste modo, para análise desta prática pedagógica utilizou-se como método de estudo o fenomenológico para buscar o conhecimento dos alunos sobre cidade e posteriormente construir os conceitos e entendimentos sobre este conteúdo.



2.2. Cidade: a construção do conhecimento através da percepção dos alunos.

A cidade é um elemento de estudo da ciência geográfica, pois aborda a intensa relação entre sociedade e natureza. Por um lado a cidade é o resultado da materialização do homem sobre o meio ambiente. Salgueiro (2005, p.99) afirma que “a cidade é um conjunto de lugares apropriados e produzidos pelos grupos sociais, experienciado tempos e ritmos diferentes”.

Segundo Manfio (2011), a cidade é definida como um aglomerado de casas e prédios com o movimento cotidiano de pessoas e carros e também a relação do homem com a natureza, através da materialização de formas espaciais sobre o natural.

Na ótica de Spósito (1999), a cidade é a forma e o concreto, isto é, uma estrutura composta por casas, prédios, ruas, podendo ser cartografada e representada.

Por outro lado, as cidades são também o espaço de vivência e afetividade, pois os habitantes mantêm uma topofilia com o lugar de origem e de moradia. Nesta abordagem, CARLOS (1992) destaca que “a cidade é um modo de viver, de pensar, mas também de sentir. O modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimento, formas de lazer e também uma cultura.”.

Pensando nestas definições, a abordagem do espaço citadino em sala de aula remonta o estudo do espaço vivido, valorizando o conhecimento e a realidade do aluno. Diante disso Castelar (2000, p. 31) diz que: “Ao ensinar geografia, deve-se dar prioridade à construção dos conceitos pela ação da criança, tomando como referência as suas observações do lugar de vivência para que se possa formalizar conceitos geográficos [...]”.

Para Cavancanti (2008, p. 58): “é importante conhecer e considerar os conhecimentos que os alunos têm de seus espaços vividos na cidade, levando em conta que eles são uma construção constante e dinâmica e que desta construção interferem sua experiência”.

Ainda no entendimento de Cavalcanti (2008), para que o ensino torne esse conceito (de cidade) uma ferramenta de análise geográfica do mundo pelo aluno, é insuficiente apresentar-lhe uma definição pronta, pois senão o aluno não conseguirá diferenciar as inúmeras informações sobre cidade e tão pouco, aprender sobre a sua própria cidade.

Convém destacar, aqui que cada ser humano consegue obter um saber diferenciado sobre este assunto (a cidade). Aborda, neste sentido, Tuan (1980, p.222): “O conhecimento de uma cidade varia muito de uma pessoa para outra”.



Reforça Tuan (1980), a relação afetiva do indivíduo para com o lugar apresenta traços de suas experiências pessoais vinculadas a valores e a maneira como apreende o seu meio ambiente.

Em poucas palavras, a construção do conceito e aprendizagem sobre a cidade em sala de aula pela criança se dará a partir de sua afetividade com a cidade que nasceu e/ou reside, modelando o conhecimento prévio e as experiências com a cientificidade do conteúdo, porém o mapa imaginário criado pela afetividade do aluno com a cidade estará presente nas concepções do espaço citadino e acompanhará o mesmo, ao longo da vida.

Argumenta Vialli (2006, p.26): “cada pessoa pode ter uma interpretação dos elementos, dependendo de sua sensibilidade sensorial e da importância que o elemento possui para ela, criando uma imagem mental daquele elemento”.

Neste sentido, o estudo da cidade em sala de aula pode revelar aspectos topofílicos, pois os alunos vão reconhecer a cidade pela construção do real (o que é visto e estudado da cidade) e pelo imaginário (as experiências e sentimentos).

Dessa forma, Vialli (2006) coloca que: O referencial sobre a cidade é construído constantemente, associando a cidade real, a percepção e consequente (re) formulação de imagens e conceitos de seus habitantes, num processo interativo em que cidade e homem se constroem mutuamente.

A partir destas colocações fica evidente que os alunos ao discutirem em aula sobre a cidade abordaram uma imagem e concepção diferenciada, pois as percepções dos alunos sobre os elementos citadinos e a vida urbana apareceram intimamente ligadas às experiências de cada educando.

Pensando nisso, cabe destacar que a percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. (TUAN, 1980).

Neste percurso, Amorim Filho (1999), coloca que a percepção é o processo mental mediante o qual, a partir do interesse e da necessidade, estruturamos e organizamos nossa interface com a realidade e o mundo, selecionando informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significado. (AMORIM FILHO, 1999).



Assim, a percepção é seletiva e individual, depende das experiências e sentimentos de cada um em relação a um lugar ou elemento, dos quais as informações e imagens vão sendo construída ao longo de um processo cognitivo.

Sob este ângulo, observou-se a forte topofilia dos educandos com a cidade, já que os mesmos salientaram seus sentimentos sobre o espaço citadino (Ilustração 1 e 2), enfocando também os elementos que constituem o urbano.

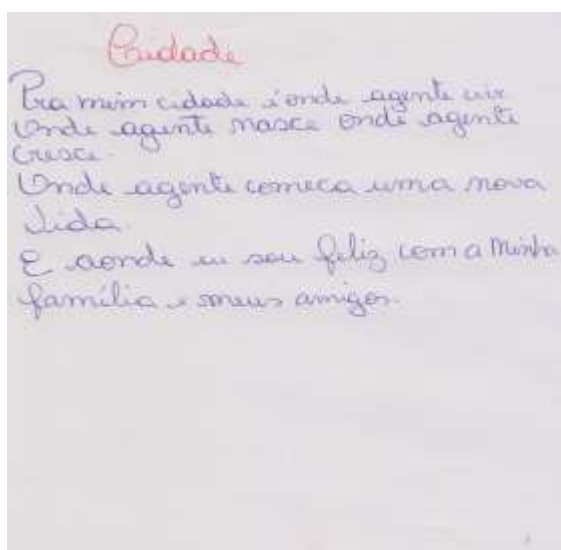


Ilustração 1: O que é cidade?

Fonte: Texto produzido pelo aluno X sobre a cidade- abril de 2013.

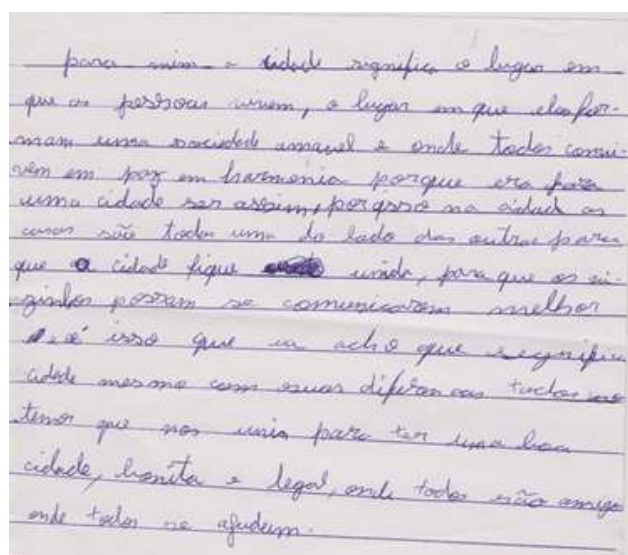


Ilustração 2: Descrevendo a cidade

Fonte: texto Produzido pelo aluno Y sobre a cidade- abril de 2013.



Mas fica claro, a maioria dos alunos percebem a cidade como espaço de vivência, embora as visões sejam diferenciadas, onde para uns ela é o lugar da afetividade de residência, para outros é o espaço de presença de prédios, casas e da poluição ambiental.

Neste raciocínio, Vialli (2006, p. 5) coloca que: “A cidade passa a ser um reflexo de como vivem seus cidadãos uma vez que eles produzem e reproduzem o espaço através de sua faculdade de pensar, de compreender, mesclando em suas ações razão e emoção”.

Muitos alunos, ao serem instigados a escrever sobre o conceito de espaço urbano, abordaram a cidade de Faxinal do Soturno- RS, comentando a respeito dela, reforçando o seu mapa mental sobre o espaço urbano. Cabe destacar, no entanto, que os educandos mostraram o que sentiam sobre a cidade, sua topofilia.

No momento de discussão sobre os textos elaborados pelos alunos, houve uma significativa interação entre os educandos, todos participaram expondo suas ideias. Após esta interatividade em sala de aula, elaborou-se conjuntamente com os alunos-professor o conceito e abordagem da cidade.

Neste contexto, o ensino é um processo dinâmico, envolvendo aluno, professor e matéria. Sendo o aluno sujeito ativo que entra no processo de ensino com sua “bagagem” intelectual, afetiva e social, dos quais ele conta com esta bagagem para seguir o processo de aprendizagem. Já o professor é o mediador das relações alunos e objetivos de estudo. Diante disso, a geografia consiste numa importante ferramenta educativa, pois permite a relação realidade do aluno e conteúdo escolar. (CAVALCANTI, 2008).

Neste espaço de construção da aprendizagem, foi possível focar outros elementos do estudo da geografia, especialmente da área urbana, entre eles a cidadania, e as diferenças sociais, além dos problemas ambientais, já que muitos salientaram a poluição nas cidades como elemento visível no urbano.

Em resumo, a cidade está intimamente relacionada com os sentimentos das pessoas (inclusive dos alunos), dessa forma, para trabalhar este espaço em sala de aula é necessário abordar a realidade e percepção dos alunos para, posteriormente, promover a construção dos conteúdos numa interação entre alunos, colegas e professor.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A cidade é um espaço de representação dos modos de vida da sociedade, onde acontece a materialização das relações homem/natureza. Dessa forma, ao discutir esta



temática em sala de aula com alunos observou-se a forte topofilia deles em relação ao espaço citadino, cujo na elaboração dos textos por parte dos alunos, em sua maioria destacaram a cidade como o lugar de vida e de alegria.

É de fundamental relevância esta prática didática no âmbito escolar, pois permite associar os conhecimentos prévios e sentimentos dos alunos frente ao conteúdo, identificando suas habilidades e saberes.

Sendo evidente que na discussão em sala de aula os alunos apresentaram uma imagem e concepção diferenciada, pois as percepções dos alunos sobre a cidade estão ligadas às experiências e vivência de cada educando.

Com isso, a geografia escolar é capaz de aproximar o conteúdo geográfico com a realidade e vivência do educando, esta interação faz a diferença na construção do conhecimento, pois se torna instigante e familiar ao aluno o assunto. Somente assim, o processo de ensino- aprendizagem se concretizará como um todo (um saber), pois o ensino não é uma transferência de conhecimentos e valores, mas uma construção que vai acontecendo mutualmente ao longo dos espaços e tempos escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMORIM FILHO, O. B. **A Evolução do Pensamento Geográfico e a Fenomenologia.** Sociedade e Natureza. Uberlândia, n.11, jan./dez., 1999.

BADO, S. R. de L. **Desafios da Geografia: a cidade como conteúdo escolar no Ensino Médio.** Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 164f. 2009. Porto Alegre, 2009.

BERNARDI, J. L. **Funções Sociais da Cidade:** conceitos e instrumentos. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba. 2006.

CASTELLAR, S. M.V. **A alfabetização em geografia.** Espaços da Escola, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.

CARLOS, A. F. A. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 1992.

CORRÊA, R. L. **Espaço, um conceito-chave da Geografia.** In: CASTRO, I. et.al. Geografia Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CAVALCANTI, L. de. S. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.



_____. **A geografia escolar e a cidade:** Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas-SP: Papirus, 2008.

CHRISTOFOLETTI, A. As perspectivas dos estudos geográficos. In: **Perspectivas da geografia.** São Paulo: Difel, 1982.

LOPES, J. G.; A geografia Humanística como ferramenta de Ensino. **Revista Eletrônica Geosaberes.** Ceará. v. 1, n. 2. 12p. 26-38. Dez/2010.

MANFIO, V. **O papel da CAMNPAL na (re) estruturação do espaço urbano de Nova Palma- RS.** 2011. 128f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

OLIVEIRA, L. Contribuição dos Estudos Cognitivos à Percepção Geográfica, **Geografia**, v.3, n.2, 1977, p. 61-72.

OLIVEIRA, L. de; RIO, V. D. **Percepção Ambiental – A experiência brasileira.** São Carlos: UFSCar, 1999.

ROHDE, M. D. S.; **percepção dos problemas ambientais urbanos a partir do uso de mapas mentais: uma proposta de educação ambiental crítica/emancipatória em escola urbana de Rosário do Sul-RS,** 2012. 102f. Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

SALGUEIRO, T. B. Espacialidades e temporalidades urbanas. In: CARLOS, A. F. A.; LEMOS, A. I. G. (org.). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre cidades.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SPOSITO, M. E. B. A urbanização da sociedade: reflexões para um debate. In: Ana Fani Alessandri Carlos; Amélia Luisa Damiani; Odette de Lima Seabra. (Org.). **O espaço no fim do século: a nova raridade.** São Paulo: Contexto, 1999, p. 83-99.

TUAN, Y. F. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

VIALLI, J. **O imaginário da cidade:** percepção espacial dos estudantes da Universidade Federal de Viçosa e da população de Viçosa. 54f. 2006. Monografia (Graduação em geografia)- Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006. 54f.